

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Psicologia

JOÃO FRANCISCO ALVES DIAS

**O NÊGO VELHO NA PSICOLOGIA: INQUIETAÇÕES SOBRE
ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS**

Porto Alegre

2019

JOÃO FRANCISCO ALVES DIAS

**O NÊGO VELHO NA PSICOLOGIA: INQUIETAÇÕES SOBRE ADOLESCENTES EM
CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS**

Trabalho apresentado como requisito parcial a conclusão do Curso de
Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Sandra Djambolakdjian Torossian

Porto Alegre

2019

JOÃO FRANCISCO ALVES DIAS

**O NÊGO VELHO NA PSICOLOGIA: INQUIETAÇÕES SOBRE ADOLESCENTES EM
CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS**

Trabalho final, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Porto Alegre, 03 de Dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof, Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian (UFRGS) - Orientadora

Prof. José Geraldo Soares Damico - Comentador

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se desenvolve a partir da noção de Negô Velho e suas inquietações na trajetória do curso de psicologia e dos estágios de ênfase, em processos clínicos e nas políticas públicas. Homem negro de 58 anos de idade, filho de um casal inter-racial, mãe branca pai preto, nascido no início dos anos 60. Sua vida é recheada de fatos singulares, que marcam sua existência e vão dando pistas do porquê da escolha do curso de psicologia e a sua manutenção nele. Perde o pai ainda criança, iniciando cedo demais a vida profissional. Trabalhou em diversos locais, ainda *menor* de idade. Serve ao exército por sete anos e pouco, desincorporado como Primeiro Tenente. Depois ingressa na Polícia Civil, exercendo as funções de investigador e escrivão de polícia, onde se aposenta, depois de 23 anos de trabalho. Ingressa no curso de psicologia pela política de cota dois anos depois. Essas profissões marcarão o aprendizado e a formação do psicólogo cunhado ao longo do curso. Como método o trabalho adotou-se a noção de “Escrevivências, da autora Conceição Evaristo. Essa metodologia privilegia a investigação e a produção de conhecimento através do contar narrativas particulares, mas que envolvem experiências coletivas, bem como, enovelam o autor e protagonistas. Esse compartilhamento e essas experiências vivências estão contidas nas três narrativas que compõem o conjunto de histórias expostas. A primeira narrativa é de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, numa unidade de execução de medida, vinculada a universidade. Sua trajetória escolar e as circunstâncias que se desdobram na ida dele à escola para fazer matrícula, expõe o racismo institucionalizado e o alcance das políticas públicas. A segunda história envolve um adolescente em execução de medida em meio fechado, seus encontros e desencontros amorosos, que vão delimitando a constituição desse sujeito e os deslocamentos possíveis, através do atendimento psicológico. E a terceira história retrata o percurso de uma adolescente numa unidade de execução de medida em meio fechado e sua obstinação pelo estabelecimento de um comportamento excelente que lhe daria a progressão de regime de internação. Foi possível ao final do trabalho deslumbrar as possibilidades de produção de conhecimento através das narrativas, apesar de se restringirem aos aspectos particulares de cada caso.

Palavras-chave: Escrevivências, narrativas, psicologia, atendimento, psicológico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
1.1. APRESENTAÇÃO.....	5
1.2. BREVE RELATO PESSOAL.....	7
1.3. CONTEXTUALIZAÇÕES.....	13
2. NARRATIVAS.....	15
2.1. “ELE NÃO VAI ME TRAZER PROBLEMA, VAI?”.....	15
2.2. “TÔ SERENO”.....	18
2.3. “SÓ QUE NÃO”.....	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
4. REFERÊNCIAS.....	29
5. ANEXOS.....	30

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso está constituído por duas vertentes que o atravessam e o estruturam. No título do trabalho estão especificadas essas perspectivas: *O Nêgo Velho na Psicologia e Inquietações com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa*. Aqui o Nêgo Velho também pode ser sinônimo de Preto Velho, entidade espiritual. Neste país, conseguir chegar com a vida depois dos 50 anos, sendo pobre, negro e vivendo sua infância e adolescência em favelas e morros de Porto Alegre RS, é um quase um ato divino.

A primeira parte aborda o ícone do *preto velho*, como sendo o negro com sabedoria e humildade. Na Umbanda os pretos velhos são entidades muito calmas, pacientes, ponderadas, que ensinam e aconselham aqueles que os procuram. São exemplos da mais pura humildade; nunca dizem o que as pessoas devem fazer, apenas aconselham.

Estes espíritos aprenderam através do sofrimento da escravidão, que foram submetidos, às condições mais degradantes que se possa imaginar. Justamente por isso, após sua morte como escravos eles aprenderam lições espirituais valiosas, e por isso se dedicam a ajudar outras pessoas. Todo pesar e aflição que se viram envoltos acenderam uma luz em sua consciência que lhes despertou para os sentimentos mais sublimes e majestosos.

O Nêgo Velho, nesse trabalho, sou eu, no auge dos meus 58 anos de idade, 54 anos ao ingressar no Instituto de Psicologia da UFRGS, pelo sistema de cotas, ensino médio em escola pública e renda familiar per capita superior a R\$1.500,00. As razões e desejos conscientes e inconscientes que me levaram a escolher o curso e, principalmente, a me manter nele, são os enigmas que não se esgotaram neste trabalho. Entretanto, auxiliarão na compreensão dos processos envolvidos no aprender/ensinar e perseverar/permanecer. As problematizações que ocorram no transcurso desses cinco anos foram responsáveis pela construção do perfil do psicólogo que se formará no término da minha caminhada acadêmica.

A segunda parte, trata das minhas implicações e inquietações sentidas a partir dos estágios de ênfase que trabalhei. A primeira ênfase foi realizada na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, Processos Clínicos, especialização em psicanálise, participando do Grupo de Trabalho “Clínica dos Usos de Drogas e Questões Adolescentes”. Minha atuação se deu no atendimento psicológico de adolescente no cumprimento de medidas socioeducativa de Internação.

Alguns atendimentos eram feitos na FASE, para adolescentes que não podiam ter atividades em meio aberto. Os adolescentes que podiam ter atividades externas a internação, eram atendidos na própria clínica, sendo custodiados até lá, por monitores daquela instituição.

A segunda ênfase foi realizada numa unidade de execução de medida socioeducativa em meio aberto, participando de uma equipe multidisciplinar, num programa de extensão da FACED/UFRGS. A medida executada era Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade. Através de oficinas e acompanhamento juvenil, são realizados os trabalhos de acolhimento, exploração de possibilidades e o acompanhamento do cumprimento da medida. O adolescente visto como o centro da execução, evidencia o potencial de possibilidades que podem ser oferecidas a ele, e as políticas públicas que lhes podem ser contempladas.

Esse trabalho utiliza como ferramentas metodológicas narrativas de estórias dos atendimentos e acompanhamentos juvenis realizados com adolescentes em conflito com lei, bem como, as minhas vivências e os atravessamentos produzidos por esse e o compartilhar de experiências. Com base no conceito de Escrevivência de Conceição Evaristo as inquietações sentidas percorrem as estórias, enovelando autor e personagens, quer por suas características comuns, quer compartilhamento de experiências vividas.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. Evaristo (s/d, em Cruz, 2017), refletindo sobre o conceito, considera que “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”. (SOARES, 2017);

A escrevivência, sem sombra de dúvidas, é possuída de um valor ético, onde o autor do texto reporta para si um local de enunciação de um eu coletivo, chamado por alguém, através de suas próprias narrativas e fala, um relato de um nós compartilhado.

O objetivo do presente trabalho é perceber como se dá o processo de construção de uma escuta, a partir da minha história. As mudanças de perspectivas ao longo dos anos da minha vida. Uma infância pobre e favelada, a perda prematura do pai, a vida no exército, a profissão de policial civil, a aposentadoria, o curso incompleto de nutrição, o percurso acadêmico no curso de psicologia na UFRGS. Como tudo isso, atravessado pelo racismo institucional, aparece na escrita deste trabalho, e o quando ela proporciona um tornar-se psicólogo.

1.2 BREVE RELATO PESSOAL

As informações de minha existência e a trajetória seguida por mim ao longo dos meus cinquenta e oito anos de idade possibilitam desvendar um pouco às razões e desejos conscientes e inconscientes que me levaram a escolher o curso de psicologia como graduação.

O início da minha história foi contado pelos meus pais, tios, tias, primos, vizinhos e amigos. Fui constituído inicialmente, enquanto infante, no campo de desejo do outro, que moravam na minha comunidade. Segundo filho de uma família de pais inter-raciais - meu pai negro, minha mãe branca – sendo o primeiro filho homem. Minha irmã, primogênita, estava no ventre de minha mãe, quando esta subiu ao altar da igreja Medianeira. Depois de mim, vieram mais dois irmãos homens, com diferença de idade de onze meses para o primeiro e nove anos para o segundo.

Nasci no dia 24 de junho, às 18h30min, dia do santo católico São João, razão pela qual meu primeiro nome é João. O segundo Francisco, foi em homenagem a meu pai, Francisco Bandeira Dias. Quis a história que meu pai me registra-se no dia seguinte ao meu nascimento, portanto, para efeito legal, minha data de nascimento está como 25 de junho de 1961, Motivo pelo qual, faço dois aniversários por ano. Minha vida vai se singularizando nesses detalhes do acaso.

No Brasil do embranquecimento, dos anos 60, fui nomeado de cor pardo e meus irmãos de cor branca. Essa nomeação me trouxe inúmeros problemas de identificação, uma vez que minha mãe era branca e eu era preto. Lá em casa, meus irmãos mexiam comigo, dizendo que eu tinha sido achado na lata do lixo. Outra coisa que marcou essa questão de pertencimento de um lugar, no campo de desejo de minha mãe, foi o fato de meu pai ter uma amiga negra, que gostava de me dar doces. Para tornar mais grave a situação, os colegas de trabalho dele, diziam que ela era minha mãe. Isso me deixava muito triste e preocupado. Eu era preto como ela, diferente de minha mãe que era branca.

Lembro-me da minha infância, das histórias que eram contadas por minhas vizinhas, que me viram recém-nascido, quase morrendo, desencanado pelos médicos. Muitas se intitulavam minha mãe de leite, com orgulho, alegando que na falta do leite materno de minha mãe, alimentaram-me com o produzido pelos seus seios generosos. Guardo dessa lembrança minha gratidão “eterna” ao fundo do bem-estar da humanidade.

Minha mãe veio do interior do estado do Rio grande do Sul, do distrito de Maçambara, em Itaquí RS, com outras duas irmãs, para a capital do estado, a fim de busca de uma vida melhor. Ela nunca foi matriculada no ensino regular, apesar de terem passado por sua

existência inúmeras políticas públicas, tipo, Movimento Brasileiro de Alfabetização, Método Paulo Freire, Plano de Educação Continuada para Adolescentes e Adultos, Programa de Educação Integrada, entre outros. Ela trabalhou quase que toda a sua vida como empregada doméstica, principalmente nos anos que se seguiram o falecimento de meu pai, após dez anos de casamento, aproximadamente.

Meu pai nasceu em Porto Alegre, no moro da Rua Mariano de Mattos. Seus familiares oriundos do município de Pelotas. Esta cidade vai ter um significado simbólico muito importante na minha vida, na medida em que foi uma opulenta cidade do charque, conhecida como “a capital cultural” do Rio Grande. A contraparte dessa opulência era as próprias charqueadas, onde os enormes grupos de escravos eram submetidos a um trabalho exaustivo. E, como estavam reunidos em grupos muito grandes, os senhores charqueatistas adotavam a política de extrema intimidação para mantê-los obedientes.

As charqueadas eram verdadeiros “estabelecimentos penitenciários”, como bem as descreveu o francês Nicolau Dreyf, no livro “Notícia Descritiva da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul”. Os negros escravizados no centro-oeste, que fugiam, e depois recapturados, eram vendidos para morrerem naquela região, tamanha a crueldade como eram tratados.

A casa onde passei minha infância e adolescência era a mesma onde meu pai viveu com a família dele. Ele permaneceu na casa, após o falecimento dos pais dele e a saída de seus irmãos. Nessa casa ele fundou nossa família. O terreno era de herança de meus tios e de meu pai. Já a casa era de propriedade do meu pai, meus tios paternos e mais dois primos do meu pai. Alguns anos depois da morte dele, meus tios e primos se reuniram e resolveram que a casa devia ser demolida e as madeiras e telhas divididas entre os herdeiros. Naquele dia, toda minha família ficou na rua, sem ter onde morar. Minha mãe, meus três irmãos e eu. Foi o segundo maior impacto doloroso de minha vida. Sem pai e agora sem lar.

Sobre meu pai, a lembrança maior que tenho dele era seu sorriso, marca que carrego comigo e que me identifica e me identifica com ele. Uma responsabilidade sorridente, o mesmo traço que trago até hoje. Ambos sorrimos muito, mas somos pessoas sérias. Experimentamos com meu pai a saga das famílias pobres, imersa no milagre econômico dos anos 70, do regime militar. Meu pai estava progredindo, tinha conseguido adquirir um carro e estávamos todos felizes com a possibilidade de ascensão social. Ele que sempre falou que a educação era o caminho, conseguira concluir naqueles anos o ensino ginasial. Foi um final de ano bárbaro. Todos nós, pai e filhos, passamos de ano naquela oportunidade. Só minha mãe continuava sem ir escola. Aqui há algo que

falha. Algo que faltou, um olhar de reconhecimento para a representante matriarca de nossa família. Dentre todas as ingratidões cometidas à minha mãe, ficou sempre a desvalorização de seu importante papel em nossa família.

Meu pai valorizava muito à educação escolar. Falava a toda hora, para lembrarmos, de como foi difícil para ele estudar na infância. Tinha que limpar a escola num turno, para poder estudar noutro. Era uma escola particular, ligada a igreja católica. Esse traço de exaltação da escola não explica ainda a escolha pelo curso de psicologia, mas indica porque após aposentar-me, voltei a estudar. Se está com a mente ociosa, vai estudar.

A morte de meu pai foi primeira grande perda. Um acidente de trânsito o vitimou, no dia 1 de maio de 1972. Ele morreu no dia do trabalho. Esse traço também me identifica com ele. Sou um trabalhador. Dentre todas as oportunidades na vida que tive de fazer outra coisa, optei no final pelo trabalho. Como afirma Jessé de Souza (2009), eu fazia parte da rale, era pobre, mas trabalhador. Nunca enveredei pelo caminho do roubo ou contrabando.

Esse fato trágico transformou a vida de toda minha família. Como filho homem mais velho, senti-me obrigado a zelar pelos irmãos e por minha mãe. Sofri um amadurecimento precoce. Em alguns aspectos evolui extraordinariamente, noutros, fiquei estagnado no tempo. Aqui, podem estar marcados meus primeiros passos à dependência química. Fiquei adulto e alcoolista ao mesmo tempo. Só depois de longos anos, já casado e pai de meus dois filhos, que inicio um atendimento psicológico, que me deixaria sóbrio até hoje. Mas isso é outra história.

“Cresci olhando a vida sem malícia...” (Elis Regina).

Com 12 anos já estava trabalhando de dia e estudando à noite. Ingressei no mundo do trabalho formal através do convênio escola-empresa, o CIEE, localizado na Av Borges de Medeiros, onde está até hoje. Fui contratado pela empresa ECISA, que construía o prédio do chocolate, onde na época passou a funcionar o Ministério da Fazenda. Depois fui trabalhar na CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica), como Contínuo, o mesmo que office-boy, mas só que também era para adultos. Depois veio a Habitasul, TV Piratini, Montedata e outras empresas, mesclados com momentos de ócio.

Com 17 anos conclui o ensino médio, no ano de 1978. Na época era o segundo grau profissionalizante, tendo me profissionalizado como Auxiliar de Laboratório de Análise Química, na Escola Estadual Infante Dom Henrique. Aqui começa uma mudança em minha trajetória. Até esse momento, eu era um digno representante da classe pobre e negra de Porto Alegre. Morava num

moro, cercado pela polícia, juizado de menores e exército (fim da ditadura), com sonhos revolucionários e pesadelos de futuro – prisão, morte ou coisa pior – capturado pelo sistema.

Nesse momento, minha família estava morando em um barraco de 2x2 metros, nos fundos da casa de minha tia Maria. Essa tia era emprestada, na verdade ela era amiguíssima de minha mãe, considerada por nós como parente. Vivíamos todos embolados. Surge uma oportunidade de ouro, serviço militar obrigatório, transformado em esperança de redenção, através do Curso de Preparação de Oficiais da Reserva. Essa indicação veio de um colega de aula, no último ano do curso médio, colega Celso: “vai pro CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) Chico”.

“Se a Pátria querida for envolvida pelo inimigo...”

No processo de admissão do CPOR duas coisas são bastante significativas em minha vida. Para fazer a prova escrita de admissão era necessário pagar uma taxa. Como eu tinha nenhum naquela oportunidade, minha conseguiu o dinheiro na última hora, quase não dando para efetivar a inscrição no concurso militar. A outra foi quando aos requisitos físicos para concorrer. Era necessário ter a totalidade dos dentes na boca, ou quase isso, para ser considerado apto. Sentindo um medo e uma aflição só comparável ao TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), sentei-me na cadeira do odontologista e abri a boca. O oficial dentista examinou-a, e depois, com um sorriso no rosto, falou. “Bah! Que sorte a tua, não vai precisar servir”. Todo o peso dos marcadores sociais caiu sobre mim – negro, pobre, com falta de dentes. Mas acreditei que poderia ser diferente. Então falei para o oficial que eu precisava muito servir, aquilo significava dar dignidade a minha mãe e meus irmãos. Ele me olhou e colocou na ficha Apto. Foi mais um momento em vida que coisas extraordinárias acontecem, e tentá-las explicar ou compreender se tornam desnecessárias. Aquele dentista nunca mais o vi.

Em minha trajetória no quartel, como oficial temporário, sempre fui o único negro ou um dois únicos. Na cidade de Jaguarão, na fronteira do Rio Grande do Sul com o município de Mello, no Uruguai, fui vítima de um crime de preconceito racial. Estava com outros oficiais brancos da minha unidade e fomos até o clube Harmonia. Naquela cidade tinha clube para todos as classes e raças, e o clube Harmonia era o dos ricos. Todos meus colegas foram entrando e quando chegou a minha vez, fui barrado. Alegaram que eu não era sócio. Todas as conversas foram mantidas com o porteiro, depois com um responsável que veio, mas não entrei. Com um constrangimento enorme, só menor que meu ódio, registrei o boletim de ocorrência na Delegacia de Polícia local, mas não

deu em nada. Fiquei um ano naquela cidade racista e soltei foguetes quando fui embora para a cidade de Cascavel PR. O quartel que servia foi transferido para esta cidade, desobrigando-me continuar a trabalhar ali.

Continuei por mais cinco anos incorporados ao Exército Brasileiro, chegando à patente de 1º Tenente Temporário da arma de Infantaria. Dei baixa em 1988, após divergência com meu comandante de batalhão. Minhas últimas palavras foram: “o senhor pensa que manda em mim, mas o senhor não manda”.

Naquela oportunidade, eu tinha sido convidado para trabalhar no incipiente Centro de Processamento de Dados do Exército Brasileiro, em Brasília, o que certamente iria me garantir um futuro financeiro muito bom (ou não, vai saber...). Tal convite havia sido feito por um General que tinha ficado impressionado com um exercício que realizei sob seu comando, onde eu comandi um Pelotão de Fuzileiros de Operações Especiais numa marcha de seis dias, de Cascavel à Guaíra, no Paraná. Como meu comandante não me liberou, pedi a baixa e voltei para Porto Alegre.

Sem trabalho e sem esperança de ocupação laboral, vi-me novamente entregue a mais um dilema: inscrever-me no concurso da Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul. O concurso era para o preenchimento de 500 vagas. Fiz minha inscrição no último dia, na última hora. Senti-me como um Capitão do Mato – homens pobres e livres, de cor ou não, que viviam para resgatar escravizados. Negros libertos participavam dessa repressão institucionalizada e eram estratégicos pois conheciam a região e as táticas de fuga.

Entre na Polícia Civil no início dos anos 90, indo trabalhar na cidade de Arroio dos Ratos, na região carbonífera. Passei um ano lá, o suficiente para meu batismo de fogo. Uma ocorrência de briga familiar, onde um cunhado acusa o irmão de sua esposa de estar armado com um revólver, e ameaçar de morte os parentes. Quando chegamos no local o agressor já sabia que viríamos e nos aguardava no meio do seu pátio. Manda que entremos. Somos em três policiais. Ao nos aproximarmos dele, joga a enxada que segurava nas mãos e levanto a mão à cintura, diz:” *é isso aqui que vocês querem*”. Sacou o revólver e disparou contra nós.

Meus dois colegas correram em direção a saída e se protegeram atrás de umas lenhas. Eu fiquei no meio do pátio, já com o revólver apontado para o algoz, e disparo duas vezes. O algoz começa a vir na minha direção e dispara a arma dele. Eu caio sentado no chão, só de susto, por ver o clarão do fogo pela boca do cano da arma. Tomo uma posição de tiro sentado e disparo novamente. Ele continua vindo em minha direção. Antes que eu pudesse levantar-me ele está em cima de mim. Aponto-lhe minha arma e aperto o gatilho, mas nada acontece. Faço isso sem parar até constatar que não tenho mais balas.

Olhando para meu algoz, do chão, sinto que vou morrer ali. Um sentimento de total desamparo me toma. Eu não tinha mais o que fazer. Quando me solto das preocupações desnecessárias, algo surge em forma de blocos. Percebo que o algoz não atira, por alguma razão e então, sem pensar, só agindo, seguro sua mão armada e com esse apoio levanto-me. Estou de novo na luta. Preparo-me para atingi-lo com a coronha de meu revólver na cabeça, ainda segurando sua mão armada.

Alguém segura meu braço, é uma das irmãs do algoz. Por pura ação reflexa, movo o braço em direção à irmã. Ela some do meu campo de visão, mas minha arma se solta de minha mão, e voa em direção ao mato. Ainda segurando a mão armada do algoz, olho para ele e vejo ele tirando um facão da cintura. Vem uma imagem/pensamento em minha mente, que se traduz da seguinte maneira: “*que cara chato, que não para*”. Num último esforço para parar aquele ataque, empurro o algoz com toda minha força, coloco as mãos na cabeça, abaixo o rosto e corro em direção ao portão. Vejo meu colega efetuar um disparo na minha direção, olha para trás e vejo o algoz se protegendo do tiro, atrás de uma árvore. Ele era chato mesmo, tinha saído correndo atrás de mim

Entro na viatura, pego outra arma e retorno ao pátio. Nisso, o algoz já se encontra no fundo do pátio. Sua irmã começa a gritar que o irmão está ferido. Olha para ele e vejo sangue em suas mãos. Ali volto a pensar com coerência. Libero a irmã para levar fraldas de pano para estancar o sangue do algoz. Chamo seu advogado e começamos a negociar a rendição. Lembro de outra música da Elis Regina, “...e do tiro que não levou, levei um susto imenso nas asas...”.

Não passei mais por situação semelhante, só alguns pequenos sustos. Prendi algumas pessoas, solicitei alguns mandados, chefiei um cartório de uma delegacia especializada e esperei a hora de me aposentar. Trabalhei em vários setores, desde a investigação até o setor de informática. Terminei minha participação na polícia no setor de rádio. Passei a ser aquela voz dos filmes, dentro das viaturas, que solicita o comparecimento de agentes em algum local de crime.

A experiência na polícia me transformou de certa forma. Para exemplificar, quando cheguei lá, tinha um sério problema de alcoolismo. Foi através do Serviço de Assistência Social que obtive o tratamento que culminou em minha abstinência, que perpetua até hoje. Foram dois longos anos de terapia, divididos em psicanálise e TCC. Aqui pode haver uma identificação com o curso de psicologia. Um indicativo da escolha do curso.

1.3 CONTEXTUALIZAÇÕES

As histórias apresentadas nesse trabalho, somadas a minha própria, escrita acima e pontuada nas narrativas abaixo, buscam afirmar a escolha no recurso do método da escrevivência, onde há uma aposta maior nos novos conteúdos e outras vozes, uma certa redução ao fenômeno, em detrimento as abstrações conceituais, práxis acadêmicas de trabalhos semelhantes.

Podemos dialogar um pouco com Grada Kilomba (2019), no seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, onde observamos diversos pontos que nos trazem um pouco da escrevivência de Conceição Evaristo.

“Esse livro pode ser entendido como uma forma de “tornar-me sujeito” porque nesses escritos procuro exprimir a realidade psicológica do racismo cotidiano como me foi dito por mulheres negras, baseada em nossos relatos subjetivos, autopercepções e narrativas biográfica ... Aqui, nós estamos falando “em nosso próprio nome” (KILOMBA, 2019).

Mesmo que algumas das histórias narradas não versem exclusivamente pelo racismo, o tornar-se sujeito é reinventado pela escrita. O sujeito quem escreve sua história, ou ela é escrita por alguém que compartilha vivências semelhantes ou experiências comuns. Kilomba fala que o sujeito negro é forjado na branquitude, onde representa tudo o que o branco não quer ser. Isso condiciona o ser negro, ou poderíamos estender ao ser sujeito. Precisamos mudar essa forma de constituição de sujeito, sendo uma interessante e potente maneira a escrita da própria história. “... enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade da minha própria história”. (KILOMBA, 2019).

Abaixo são apresentadas as três narrativas o trabalho com adolescentes em conflito com a Lei. A primeira é sobre um adolescente que tem sua vida atravessada pelo racismo e sua luta para construir um deslocamento que lhe permitisse elaborar um outro lugar. Para efeito desse trabalho, o chamarei de Pedro, onde Jesus fundou sua igreja. Aqui o adolescente também funda sua história.

Essa narrativa conversa com o escritor Achille Mbembe, no texto *Necropolítica*, onde faz uma relação com o colonialismo estado de emergência e de sítio. Fala de um fazer viver e deixar morrer, em oposição a um estado que determina quem deva morrer.

“É por aí que passa a possibilidade de poder matar o outro. O racismo é a condição para a aceitabilidade do fazer morrer. A percepção da existência do outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para minha vida e segurança ...” (MBEMBE, 2016).

O adolescente mora em um local onde as leis não são respeitadas e os direitos são negligenciados. Os policiais agem ali como verdadeiros caçadores. Para eles todos são criminosos e merecem a morte ou a prisão. A condição atemporal do racismo também é abordada por Mbembe, quando enumera a condição de ser escravo, semelhante ao tratamento dispensado aos negros e negras, hoje em dia, nas comunidades. "...a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um lar, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político".(MBEMBE, 2016).

A segunda narrativa versa sobre um adolescente branco, ao qual chamarei por Alexandre, referência ao imperador conquistador. Esse adolescente encontra-se no regime fechado, sem possibilidades de atividades externas. A vítima era um amigo seu de infância que não cumpriu a lei de não roubar dentro da comunidade. Nesta narrativa é explícita a minha implicação e resistência, na medida que trabalhei anos no exército e na polícia civil.

Cada vez que escutava sua história e lhe atribuía uma intenção, um pensamento que não disse, ou quando me sentia visado como sujeito, ou ainda, deseje representar algo para o adolescente, sinto que estou fora da posição de analista. O melhor seria um semblante do nada. Uma escuta neutra. Mas isso é impossível.

A última narrativa é sobre uma adolescente internada com possibilidades de exercer atividades externas por ato infracional. Apesar de ser o mesmo ato infracional que Alexandre, Madalena - a da jogue a última pedra - é marcada por questões de identificação com o pai, pelo alcoolismo, das brigas e agressões a mãe, sogra e ex-companheira. Com Madalena também opera o fenômeno das políticas públicas alcançarem os adolescentes, somente depois de eles cometerem um ato infracional. O sujeito só consegue um lugar quando faz do ato sua enunciação.

Os atos ditos "infracionais" dos adolescentes podem ter a vertente do *acting out*, serem um apelo ao Outro nesse tempo de desamparo, constituindo uma tentativa de nomeação frente à falta do Outro. Mas podem, também, ser passagens ao ato, quando o jovem não endereça nada ao Outro: ao contrário, o que se faz presente é uma recusa proferida ao Outro. (CAOANEMA, 2012).

Madalena como ninguém consegue potencializar as possibilidades das políticas públicas, chegando a viver a dicotomia da culpa, pela prática do ato infracional e a satisfação pela conquista de inúmeras benesses.

2. NARRATIVAS-

2.1 “Ele não vai me trazer problema, vai?”

No primeiro semestre do ano de 2019, fazia o estágio de ênfase em Políticas Públicas numa unidade de execução de medida socioeducativa de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC), no centro de Porto Alegre. Num dado dia, perguntei a coordenadora do programa como o marcador racial era analisado no cumprimento da medida, uma vez que a maioria dos adolescentes em conflito com lei direcionada para aquela unidade era da raça negra. Pelo que pude perceber esse marcador não era visto como determinante ou inquietante para a unidade, bem como sua transversalidade.

Mas isso não era o que aparecia no discurso de Pedro, jovem negro da Vila Esmeralda, que cumpria medida socioeducativa na unidade. Ele estava fora do ambiente escolar e precisamos matriculá-lo numa escola, a fim de possibilitar a ele o alcance a outras oportunidades, tais como, ingresso em cursos profissionalizantes remunerados. Ao ser indagado sobre as circunstâncias quem haviam sido determinantes para o seu abandono da escola, ele nos relata uma história reveladora. Num certo dia, em sua penúltima escola, do ensino fundamental, dentro da sala de aula, a professora se referiu a ele como “macaco”. Mostrou indignação com esse tratamento racista e acabou sendo expulso da sala e suspenso da escola.

Indignado, ficou no pátio da escola remoendo sua raiva. Como fora suspenso, deveria se retirar do pátio da escola. Como não saiu imediatamente, mandaram o vigia colocá-lo para fora. O funcionário foi até Pedro e, segurando-o pelo braço, tentou movê-lo à força para fora do estabelecimento escolar. Ele reagiu, desferindo um soco no guarda, motivo pelo qual é expulso da escola. Conclui o ensino fundamental pelo EJA.

Lembro dos meus seis anos, quando eu estava saindo da Creche São Francisco, onde fazia o jardim, para ir para a escola Sagrada Família, onde começaria o primário. A Madre diretora da creche havia chamado meu pai para cobrar dele uma telha que eu havia quebrado com uma pedrada. Como eu estava mudando de estabelecimento de ensino, era de bom tom não deixar débitos financeiros para trás. Jesus morreu pelos meus pecados, não por minhas dívidas. Após receber do meu pai o valor da telha quebrada, a Madre resolveu profetizar o meu futuro na nova escola, e como tal, era um *destino negro*. Disse ela que eu certamente seria expulso do colégio por mau comportamento.

Bendita boca! Na primeira semana na nova escola fui expulso da aula. Naquele tempo os pais eram chamados à escola para repreenderem pelos seus filhos, sob o olhar dos professores. Naquele dia não foi diferente e meu pai puxou forte minha orelha, enquanto prometia para a professora, na porta da sala de aula, que aquilo não se repetiria mais. Não foi por falta de motivação que no final do ano ganhei o livro de melhor aluno da classe e a satisfação de manter minhas queridas orelhas presas na minha cabeça.

Ainda sobre a questão racial e prosseguindo a história sobre Pedro, abordo um evento interessante que ele relata, e que tem muito a ver com os diferentes territórios e as diversas características atribuídas a esses locais: quem reside nele, padrão cultural, raça, direitos,

visibilidade, ação policial, acesso à educação, à segurança e à saúde. No trajeto de sua casa até o local do cumprimento da medida socioeducativa, no centro de Porto Alegre, Pedro falou que ao andar pela rua, nas proximidades da unidade, e ao cruzar por policiais militares a pé, não desviava o seu olhar dos deles.

Achei aquilo muito inquietante, pois ele estava exultante ao mencionar tal fato. Perguntei-lhe se tinha o mesmo procedimento com os policiais militares na sua comunidade. Ele, sem excitar, respondeu que não, pois lá os policiais que patrulhavam as ruas e vielas não permitiam que se mirassem seus olhos. Nas abordagens eram obrigados a abaixarem a cabeça ou ficarem virados de costas, junto as paredes. Se se atrevessem a encarar seus algozes, corriam um sério risco de serem agredidos ou feridos mortalmente.

Seguindo as diretrizes da metodologia empregada na unidade de execução de medidas socioeducativas, qual seja, *fazer com* o adolescente a construção de possibilidades, demos prosseguimento a obtenção da vaga na rede escolar. Realizamos uma pesquisa, levando em conta o acesso do adolescente à escola, de maneira de pudesse custear as passagens e evitar territórios hostis. Entramos em contato com a escola escolhida, num bairro de classe média, e marcamos nossa ida para lá, no outro dia. Ficamos de nos encontrar na frente da escola. Na mesma rua havia outro colégio, mas este da rede particular. A escola pretendida era estadual, onde havia vaga para o ensino normal, no primeiro ano do ensino médio. O EJA só oportunizaria vagas no semestre seguinte.

Chegamos no local e percebemos a presença de várias viaturas da Polícia Militar, com diversos policiais, de uniformes camuflados, descendo das mesmas. Foi visível a perturbação inicial de Pedro diante daquele aparato policial militar. O adolescente vacila diante do todo aquele dispositivo, buscando com um olhar, um conselho para o que fazer. Eu o incentivo a prosseguirmos em nosso objetivo, falando para ele que aquilo não tinha nada a ver conosco. Disse-lhe que provavelmente tudo aquilo dizia respeito a outra escola.

O adolescente se assombra com o cenário porque sabe, mesmo inconscientemente, que pertence ao grupo de pessoas que foram escolhidas para morrerem. É negro, pobre e está próximo dos agentes de segurança, fora de seu território colonizado, onde ninguém se importa. Estando na condição de adolescente infrator, que representa todo o mal à sociedade de bem, cuja existência é um perigo as mulheres, crianças e idosos: “*O inimigo*”.

Entramos na escola alvo e nos apresentamos como pretendentes da vaga no primeiro ano do ensino médio. Pedem que aguardemos, nos indicando um banco próximo a porta principal. Nisso, começam a ingressar na escola os policiais camuflados. Era ali a ocorrência. O desconforto do adolescente era visível. Sua reação era fruto das lembranças ruins das suas relações com a polícia, em sua comunidade. Com a cabeça baixa, contando os policiais que passavam apenas pelos coturnos que via desfilando diante de si. Cada vez que paravam diante de nós era um momento de tensão e medo.

Além de mim, assistia Pedro, na construção de possibilidades, minha colega Clara, de cor branca, também estagiária da unidade de execução de medida. Ela estava atrasada naquele momento. Éramos naquele ambiente dois negros, vários policiais militares e funcionários da escola envolvidos numa ocorrência. A chegada da colega era esperada por nós como uma salvaguarda. Ao chegar, ela quebrou um pouco aquele mal-estar, pois passamos a ter uma representante branca em nosso grupo, legitimando nossa presença. Coincidentemente, o secretário da escola dirige-nos a fala somente com a sua chegada, avisando-nos que a vice-diretora em breve iria nos atender. A administração da escola já sabia o porquê de estarmos ali.

Em meio a tudo isso, cruza nossa frente um adolescente, conduzido por policiais, oriundo de uma sala de aula. Ele está algemado, com as mãos para trás. Fico me perguntando se aquilo é legal. O adolescente se inquieta novamente – onde ele estava? Onde estava se matriculando? Aquele ambiente era seguro para ele, que cumpria medida socioeducativa? Se fosse em sua comunidade tudo bem, era terra de ninguém, onde ninguém se importa (MBEMBE, 2016). Mas naquela escola, longe de seu território, parecia ser local de proteção de direitos. Engano, onde o Estado estende o braço forte da lei, negros não tem direitos. São os inimigos eleitos pelo racismo, temido e odiados, devendo sofrer o suplício no seu corpo. Negro bom é negro morto (MBEMBE, 2016).

A vice-diretora, enfim, nos atende. Pergunta qual nossa relação com o adolescente. Nesse momento, nos vimos obrigados a dizer de onde viemos, e principalmente, porque estávamos ali, assistindo aquele jovem em sua matrícula numa escola estadual de nossa cidade. Ao saber que éramos estudantes universitários, estagiando numa unidade de cumprimento de medida socioeducativa, ouço dela a seguinte pérola: **“ele não vai me trazer problemas, vai?”**. Digo apenas que não.

Na hora acreditei que Pedro não tinha ouvido as palavras desencorajadoras da vice-diretora, mas depois soube que sim. Ela questiona também por que a matrícula do adolescente tem que ser no ensino regular, por que não o EJA, que iniciaria no outro semestre. Esclarecemos que esse tipo de curso por iniciar somente no semestre seguinte, não permitiria ao adolescente usufruir de um curso profissionalizante, que lhe proporcionaria uma pequena renda.

Enfim, conseguimos adiantar o processo de matrícula, restando ainda juntar a documentação um *eletrônico* expedido pela central de vagas. Prontifico-me para obter tal documentação na Central de Vagas, no Centro Administrativo. Agendamos a matrícula para segunda feira seguinte. As dificuldades burocráticas que se impõem no caminho de Pedro para a realização de sua matrícula são a práxis do racismo institucionalizado, que o impedem de estar num lugar de respeito, onde ficará difícil sua eliminação. Tem que estar alienado e sem lugar no discurso social (MBEMBE, 2016).

Como aquele adolescente que sai algemado escola, o estado está promovendo a higienização, fazendo o retorno do adolescente ao território colonizado, onde ninguém se importa. Houve em Porto Alegre, há tempos, uma higienização de alguns bairros., onde vários negros foram repatriados para o bairro Restinga. Um desses territórios passou a ser chamado de Higienópolis. O impressionante é que para retornar a restinga, os negros têm ônibus toda hora, do dia ou da noite. O negro tem de voltar para o seu local colonizado, onde há mais policiais, para permanecerem sob vigilância.

Não acompanho “nosso” adolescente nesse processo, mas sou informado pela colega que foi junto com ele realizar a matrícula, que a vice-diretora considerou como certo a ida do jovem para o curso EJA, assim que possível, passando a estudar à noite. A estagiária estranhou tal colocação e falou que isso dependeria do desejo do adolescente. Mais uma vez, o lugar possível para negro era na noite, na escuridão, donde seus medos e lágrimas não poderiam ser vistos. Impedindo dessa forma que os suplícios de seu corpo sejam olhados e a negação dos seus direitos sejam evitados.

2.2 “Tô Sereno”

Meu primeiro estágio de ênfase foi em Processos Clínicos, na Clínica de Atendimento Psicológico, na modalidade de Psicanálise, no grupo de trabalho destinado ao atendimento de adolescentes em conflito com lei. Estes cumpriam medidas socioeducativas em regime de Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa (ISPAE), motivo pelo qual o atendimento psicológico ocorria no interior da unidade de internação. As salas utilizadas eram da audiência com o defensor público ou das consultas com o médico.

Sendo egresso da Polícia Civil, fiquei pensando em que lugar me colocaria no atendimento do adolescente que seria meu paciente. Anos trabalhando numa instituição que tem como principal atribuição o início da persecução penal, consistindo na apuração das circunstâncias do evento criminoso e identificação de seus responsáveis, estaria agora num lugar onde essas implicações só serviriam para provocar resistência.

Com essas inquietações fui até o local de internação, no qual mantive meu primeiro contato com a unidade, junto as técnicas de referências, que fizeram a passagem do paciente. Seu nome é Alexandre, 19 anos, etnia branca, morador de um município próximo a capital. Tendo sido apreendido em casa, há aproximadamente quase dois anos. Estava próximo a extinção da medida.

A Técnica de Referência do paciente na unidade de internação passou as seguintes observações a respeito de Alexandre: a) paciente vaidoso, se considera o máximo; b) na escola que há no interior da unidade, envolveu-se com uma professora, que acabou sendo transferida para outro local; c) Alexandre quando se sente ameaçado, ataca primeiro d) está sob medicação; e) possui uma imaginação fértil e organizada; f) não demonstra sentimentos; g) mãe alcoolista; h) se vangloria por ter prejudicado as comemorações de final de ano dos policiais que estiveram envolvidos em sua prisão.

Atento para não deixar que as informações preliminares sobre o caso construíssem a priori dificuldades na oferta de uma escuta do sujeito do desejo inconsciente, dirigi-me até o local de meu primeiro encontro com o paciente. Ocupo a sala destinada a audiência com o defensor público. Alexandre chega algemado, custodiado por dois monitores armados com armas de fogo na cintura. Estes o desalgemam, e ele entra na sala. Ofereço-lhe os assentos vazios, para que escolha um para sentar-se. Ele opta por um próximo a porta e eu fico com o assento próximo a janela.

Aqui faço uma interrupção no relato dessa narrativa para mencionar um episódio que mudou a maneira como essa escolha de cadeiras passou a ser feita em meus atendimentos. Na clínica, num dado atendimento de um paciente do núcleo das psicoses, houve um incidente em que o paciente, numa passagem ao ato, agrediu o analista, machucando sua mão. O que se extraiu do fato foi que o analista não conseguiu sair da sala de imediato, pois o paciente é quem estava junto a porta de saída/entrada. Não podendo sair, ficou a mercê da ira do paciente, que só permitiu a saída do analista, quando já havia lhe lesionado. A partir desse fato, de um modo geral, passei a escolher a cadeira próxima à porta, deixando os outros assentos livres para a escolha do paciente.

Alexandre entra na sala e abre um sorriso encantador e sensual. Como uma criança que acaba de ver alguém que muito quer bem. Para iniciar uma conversa, pergunto-lhe se sabe por que está ali. Ele responde que acredita que seja por causa de sua desilusão amorosa. Fala que provavelmente ficaram preocupados com seu estado emocional e resolveram lhe proporcionar um tratamento psicológico. Pede que eu confirme se é realmente por isso que está ali. Essa será a característica marcante sua, perguntar muito sobre mim, tentar obter o máximo de informações sobre quem se relaciona com ele. Foi assim que se envolveu com a professora.

Sobre essa relação amorosa ele fala do seu amor pela professora, ressalta a beleza física dela, dizendo que era muito querida e muito bonita. Quando os dois estavam se aproximando mais, ela foi chamada num concurso federal. A professora era mais velha que ele, mas não era problema para ele, pois ficaria com ela mesmo assim.

Na sessão seguinte entra na sala e começa falando que estava vendo um “filminho” e teve que parar de assistir para estar ali no atendimento. Demonstra desagrado por abrir mão de sua rotina para vir até a sala falar sobre si. Volta a falar sobre o amor que nutria pela professora que foi embora, que pensa muito nela. Mas desta vez fala mais como uma conquista, usando termos no diminutivo depreciativo: “ela era novinha”, “a mais bonitinha”, e ela havia chamado a sua atenção. Tinha até dado um beijo no rosto dela. Conta que numa festa junina que ocorreu no interior da unidade de execução de internação, ela compareceu e conversaram muito. Nessa oportunidade se refere a professora como “bonitinha”, também disse: “eu queria ela”. Fala que havia prometido a professora que iria se mudar, moraria em Santa Catarina, alugar uma casa, arrumar um emprego, comprar panelas “Tramontina”.

Importante aqui mencionar um relato que Alexandre faz a respeito da mãe, da qual pouco fala. Disse que ela o deixou com seus dois outros irmãos, quando ele tinha oito anos, foram criados pelo pai, que como trabalhava o dia todo, acabou deixando os filhos se criarem por conta. É possível pensar no amor pela professora como uma forma de conquistar o amor dessa mãe. Outro detalhe que remonta a um ideal de relação amorosa, é o fato de dizer que além de se mudar para Santa Catarina, *Caribe dos gaúchos*, de alugar uma casa e arrumar um emprego, pressupostos de um ideal de família prospera, harmoniosa e feliz, ele termina por dizer que compraria panelas “Tramontina”. Quando indagado a respeito do porquê dessa referência, não soube explicar. Vejo como um ícone de sucesso de família branco/hetero normativa.

Alexandre tem um lado *bicho solto* muito intenso. Na minha adolescência essa gíria era usada para identificar jovens que tinham certa qualidade à violência e para o crime. Tinham uma singular disposição o exercício das práticas delituosas, chegando a ter satisfação no planejamento, execução e aperfeiçoamento das mesmas. Percebo isso nele em dois pontos que trouxe na sua fala.

O primeiro relacionado ao ato infracional, pelo qual ele cumpria medida socioeducativa de internação. Mesmo conhecendo a vítima desde a infância, ele priorizou o cumprimento da lei não roubar ninguém na comunidade, pois atraía a atenção e presença da polícia. Essa regra havia sido estabelecida pelo próprio Alexandre. Os laços de afeto com a vítima não foram suficientes para que ele construísse uma outra solução ocupar o lugar de fazer cumprir a lei era sua função inquebrantável.

O segundo ponto está relacionado a um visível regozijo que expressa no olhar, quando fala de seus atos criminosos, principalmente os que envolvem o uso de arma de fogo. Ele chega a fazer um movimento com a mão direita, com o dedo indicador esticado, bem como o polegar, formando um ângulo de 90°. Estando com a mão nessa posição, movimentava o antebraço e o braço, simulando o disparo e o recuo da arma portátil. Fala com orgulho sobre suas armas, que foram apreendidas pela polícia no momento de sua apreensão. Comenta que um amigo seu mantém escondidas outras duas armas, que pegará assim que sua internação terminar.

Com Alexandre, a minha posição de analista foi muito tensionada. Eu tinha sido policial civil por 23 longos anos, e alguns pensamentos e juízos automáticos vinham em minha mente quase que instantaneamente, durante as sessões de atendimento. Lembro de ter lido na época o conto “*A terceira margem do rio*”, de Guimarães Rosa, publicado no livro *Primeiras histórias*, lançado em 1962, de onde pude extrair a ideia prática de me colocar no lugar do nada.

...Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente...

Falo isso porque noutra atendimento com Alexandre ele me fez uma proposta que só estando no meio do rio, na terceira margem, eu poderia oportunizar um manejo adequado. Ele começa a fazer uma série de perguntas, tipo se eu tinha netos; devolvo-lhe a pergunta, indagando-o por que isso lhe interessaria. Alexandre diz que eu poderia trazer para ele uma pistola. Devolvo novamente a pergunta: “*por que lhe traria uma pistola?*” ele disse que eu traria a pistola para ele sair dali. Eu também deveria lhe fornecer uma conta bancária, para ser depositado R\$10.000,00; não seria de graça. perguntei por que traria uma pistola para ele, e ele explica que seria para ele sair dali.

Continuei devolvendo as perguntas, desta vez questionei como ele sairia dali. Ele responde: “Eu te rendo e nós dois saímos daqui juntos”. Ele faz com os braços os gestos para mostrar como seria: eu com pescoço envolto pelo seu braço, enquanto sua outra mão seguraria a pistola (como nos gestos de arma já citados). Na supervisão individual do caso, daquela semana, a técnica responsável sinaliza-me para uma possível transferência que ali se originara. Rimos muito com a possibilidade.

Nesse momento ele avança o corpo em minha direção, sem sair da cadeira e me olha nos olhos, sério. Olho para ele e pergunto com tranquilidade, porque faria uma coisa daquelas, considerando que a extinção de sua internação terminaria em outubro próximo, e ele abre um sorriso e diz que é brincadeira. Pergunto a ele porque achava que eu poderia conseguir uma pistola, e ele fala que provavelmente há uma vila perto de onde eu moro. Considerei aquela relação com minha cor de pele. E o fato de ele ter perguntado se tinha netos, era uma referência a minha idade.

Aqui a implicação do analista poderia produzir uma resistência. Como policial civil eu já havia me imaginado numa situação de refém. E provavelmente, tentaria evitar de todas as formas fornecer armas para sua fuga, às pessoas privadas de liberdade. E, também, evitaria de todas as formas possíveis ser feito refém. Aquilo foi uma proposta digna de filmes hollydiano. Eu poderia imaginá-la, de mil formas, mas jamais seria tão ficcional como foi.

Diante da dicotomia a respeito de seus desejos antagônicos, perguntei-lhe a respeito de ter declinado que queria construir uma vida nova, casar-se com uma mulher identificada com os traços da professora, alugar uma casa em Santa Catarina, comprar as painéis *Tramontina*. Enfim construir um outro lugar de possibilidades para si, longe do crime. Em contrapartida, apresenta discursos de uma determinada saudade de sua vida de roubos a veículos, das tentativas de homicídios, de suas armas, da proposta de me render com uma pistola para fugir da internação antes do término da internação, e de uma nota que poderia ter ganho, numa redação, sem ter acertado a questão. Ele responde que isso era devido ao fato que dentro dele existem dois Alexandres, ou melhor, vários Alexandres.

Em determinado momento, explorava a possibilidade de Alexandre promover um deslocamento em seus posicionamentos cristalizados. Gostaria de lhe propor uma oportunidade de escolher um melhor local na sala para sentar-se, a partir da qualidade da cadeira. Deixei propositalmente a mais confortável das cadeiras disponíveis na sala no rol de assentos que ele escolhe. Ele não hesitou em escolher a melhor cadeira. Mas depois, observando que a cadeira era superior à minha, em qualidade, levantou-se, oferecendo-a. Declinei da gentileza e ele voltou a sentar. Perguntei a ele quem havia escolhido a cadeira. Ele disse que era ele. Então, pedi-lhe que pensasse na possibilidade de eu ter deixado as cadeiras ali, para que ele escolhesse a cadeira que se

sentou. Até que ponto o que escolhemos como melhor para nós, realmente era fruto de algo que chamamos de Eu. Ficou pensativo.

Alexandre gostava de fazer várias perguntas para mim, nas seções de atendimento. Perguntava sobre meu estado civil, se tinha filhos, se tinha carro, se tenha Facebook, e outras mais.

Um dia ele questionou que eu não falava de mim, mas ele tinha que falar sobre ele. Digo-lhe que falamos de lugares diferentes. Eu no lugar do analista e ele no local do analisado. Proponho-lhe trocarmos de lugar. Ele aceita e assim fazemos. Tão logo ele se senta no meu lugar, começa a fazer perguntas, mas eu lhe advirto que daquele local ele devia escutar mais que falar, e que agora eu devia falar mais que escutar. Exponho-lhe a respeito da associação livre. Trocamos de novo de lugar e ele espontaneamente começa a falar sobre sua infância, de como ele investia em tempo e atenção para montar um determinado projeto, tipo um brinquedo, e no final destruía tudo. Faz uma relação com sua vida atual, mencionando inclusive a relação com a professora, que ele havia construído um romance legal, mas depois tinha estragado tudo. Na situação atual, pensar em fugir quando está perto da extinção de sua medida.

Sobre seus afetos, Alexandre cita-me as pessoas que considera que gostam dele: o pai, a mãe, que na internação passou a visitá-lo, ficando mais próxima, a irmã, o irmão, e ao citar a professora, ele diz que ela tinha alguém que ela amava. Proponho encerrar a sessão ali, pontuando o que ele havia dito. Aqui há possibilidade de um deslocamento no sentido de Alexandre encontrar alguém como a professora, da sua idade, que gostasse dele e ele pudesse gostar também.

A relação de afeto objetal que Alexandre nutria pela arma de fogo era significativa. Quando falou do que ele julga importante para si, falou que era sua arma, pois com ela ele conseguia o resto do que precisava e desejava: dinheiro, mulher, etc... Alexandre lembra sua primeira experiência com arma de fogo, ocorreu na casa do tio, onde morava. Não praticava roubo ou qualquer outro crime. Apenas fumava maconha com o tio. Naquela oportunidade um amigo pediu-lhe que escondesse umas armas.

Num dos últimos encontros Alexandre fala que nem todas as suas armas foram apreendidas pela polícia, que tem algumas com seus parceiros de crime. Estes poderiam tê-lo resgatado, mas ele preferiu esperar o final da medida. Mas ao sair, voltará de motocicleta e fará vários disparos de arma de fogo contra o prédio da unidade de internação. Neste momento faz um sinal, indicando seria contra os agentes, que naquele momento esperavam por ele no lado de fora da sala.

O tempo passa e se aproxima o momento da extinção de sua medida de internação. Ele vem triste e chateado, falando que não suporta mais ficar ali, mesmo sabendo que outubro está perto e sua medida será extinta. Olha pela janela do consultório, onde vê-se o muro e parte de uma rua. Lembrei que ele havia dito uma vez que em tempos, quatro em quatro meses aproximadamente, precisava de adrenalina, para se acalmar. Ele, nessas crises, costumava agredir alguém para estabelecer um certo equilíbrio emocional. Pergunto a ele o que gostaria de fazer quando saísse da internação, ele responde que gostaria de matar alguém. Esse alguém não seria alguém específico, era apenas uma forma de falar. Então diz que irá atrás da professora, pois continuava apaixonado por ela. Recita um poema de sua autoria, que havia feito para a professora, tendo inclusive entregue a ela por escrito, enquanto ela ainda estava na escola (Anexos 1 e 2).

Trata-se de um poema de amor, com valorização da beleza do rosto, do cheiro do perfume, da cor do batom. Mas Alexandre faz uma metáfora interessante, que revela sua outra paixão, as das armas e tudo relacionada a elas. Ele compara o olha penetrante da amada a uma bala

perfurante. Também relaciona os consortes ao famoso casal criminoso americano Bonnie and Clyde. Substitui o termo ela me deixa, por ela me leva a loucura. No último parágrafo utiliza-se de um anagrama para indicar qual seria o nome de sua paixão. Como num jogo de forca. E ao final retorna a explosão que vive sua vida, falando que seu amor o inflama.

Nosso último encontro é cercado de desejos de prosperidade e alegria. Vejo Alexandre confiante em si. Não sei bem quais serão seus planos e nem se conseguirá atingi-los. Algumas coisas foram elaboradas, outras só o tempo dirá. Como despedida, lhe dou um abraço. Continuo assombrado com ele. Seus braços estão estendidos ao lado de seu corpo, colados a ele. Não consegue ainda abraçar o outro. Ele se afasta com o belo sorriso, se despedindo. Lembro ali do que Alexandre dizia quando eu lhe perguntava como vai:” **Tô sereno**”.

2.1 “Só que não”

A paciente foi passada pelo técnico da unidade de internação, como uma adolescente oriunda do interior do Estado. Vem também por uma queixa de alcoolismo, alegando que esse é seu maior problema. Como estava no grupo clínicas de álcool e drogas e questões adolescentes, candidato-me ao caso. O atendimento seria na clínica, sendo a adolescente conduzida ao local escoltada por monitoras. Não é a única adolescente da unidade de internação a comparecer no ambulatório naquele horário. Mas todas são atendidas antes, e depois ficam na antessala esperando Madalena, nome que passarei a me referir para falar da adolescente. A escolha do nome tem sim algo de cristão. A pecadora salva por Jesus de ser apedrejada pelos seus justiceiros. A adolescente busca um deslocamento que a salve do apedrejamento.

Nosso último encontro do ano passado, é cercado de muita expectativa, pois Madalena traria a resposta da audiência, onde o juiz decidiria sobre sua progressão de medida. Toda a trajetória dela no transcurso do atendimento e do seu cumprimento da medida era atravessado por esse progresso. Ela entra na sala e passa com o olhar sério, e senta-se na cadeira. Ela olha para mim e diz: “Eu vou fugir”. Pergunto por que, ela responde que o Juiz não pautou sua progressão e ela não passaria o natal com a mãe Digo-lhe que não estou ali para dar conselhos e que ela deve seguir seu desejo. Mas gostaria de com ela repassar todos os momentos que vivemos nos atendimentos, os deslocamentos, as elaborações. Madalena concorda e começamos a recordar nossa trajetória.

Madalena cumpria medida por ter na sua cidade desferido uma facada na femoral de outro adolescente. Ela tinha ido em defesa de seu irmão, que na oportunidade estava ferido por uma facada na mão. Sai do hospital, apreendida pela polícia civil, vai cumprir medida de internação na capital. Foi estabelecido dois anos de internação.

Na unidade em que começou a cumprir a medida de internação sem possibilidade de atividade externa, pergunta como pode reduzir a medida socioeducativa ou outro modo de minimizar o cumprimento, é lhe dito que se obtiver o comportamento excelente, no final do ano poderá estar na progressão de pena, podendo ir para casa nos finais de semana. Pensa que poderá passar o Natal em casa, e a partir dali coloca isso como meta.

Madalena diz que reza pelo menino, e se sente arrependida de tudo que fez. Reconhece que estão ocorrendo coisas boas em sua vida, que a levam a não querer sair da unidade de internação, pois tem muito ganho ali dentro, tais como: conclusão do ensino médio, o trabalho com os salgadinhos, a atividade remunerada do CIEE. Esse fenômeno não é raro no cumprimento

de medida socioeducativa, quando um adolescente é acolhido por uma série de políticas públicas, que antes do ato infracional, não o alcançavam.

Sua defensora acredita na resposta favorável do Juiz e vai encaminhar em novembro uma solicitação para começar no aberto em dezembro, mas se não ocorrer é quase certo que em janeiro começa o aberto. Comentou que sabe que vai beber, mas espera manter o controle. O alcoolismo é uma preocupação constante para Madalena.

No enquadre do atendimento combinamos que o pagamento das sessões ocorreria de forma simbólica, Madalena me daria poemas que gostava de escrever sobre sua vida. O primeiro poema (Anexo III) fala do ato infracional, da decepção que trouxe à mãe, dos motivos injustificáveis da sua infração. No final, resolve que terá que lutar para sair daquela situação o mais breve possível.

No segundo poema (Anexo IV) ela mostra o quanto consegue perceber algo que a atravessará em toda a sua trajetória na unidade de internação. Uma dicotomia de sentimentos, ora de desprazer, por estar privada da liberdade, ora de realização pessoal, por ter acesso a diversas políticas públicas que lhe dão mais dignidade, respeito e amor-próprio. Mantém o foco em sua liberdade. Traz um poema (Anexo VI) que fala da mãe, dos sofrimentos que lhe fez passar, da vontade de mudar e ser a filha amada e merecedora do amor daquela. Começa o poema reconhecendo que as mães trazem mais que o *refri* na visita, trazem felicidade, em busca da liberdade.

Com o passar do tempo do cumprimento da medida, aproximadamente 10 meses, nota-se um certo cansaço por parte da adolescente quanto a rotina da internação. Isso ela salienta noutro poema (Anexo VIII). O abrir de cadeado como início de rotina e tristeza das impossibilidades de receber visitas. Mas não deixa de ressaltar que não está atoa, crendo na progressão de regime de cumprimento de medida Socioeducativa de internação.

Madalena deixou um amor na sua cidade natal, que como a relação com sua mãe, era cercado de agressões, de vindas e idas. Ela conta um pouco desse relacionamento no poema que me entrega (Anexo X). Começa falando de uma data que ficou marcada pela agressão que praticou contra sua companheira. Acusa a mãe desta de agir contra seu matrimônio. A briga terminou com a companheira sendo levada ao hospital da cidade, e a instauração de um procedimento contra a adolescente (Maria da Penha). Termina novamente o poema reafirmando sua determinação de superar as dificuldades, mantendo-se “zen”.

No penúltimo poema que me endereça, Madalena conta da morte do irmão, um rapaz com problema de alcoolismo, trabalhador, que é roubado no dia do pagamento. Ele vai para casa e busca vingança. Aqui temos uma outra versão de viver o luto, ou seja, o desejo de uma vingança. O luto só será plenamente encerrado com a morte do algoz assassino. Isso a adolescente clama ao final do poema.

Também me contava alguns de seus sonhos e suas interpretações sobre eles. Seu padrasto também a ajudava nessas interpretações, bem como um monitor da unidade de internação. Alguns desses poemas foram anexados integralmente no final do presente trabalho de conclusão.

Conta-me de um sonho, que teve, onde brinca com crianças, como é de religião afro-brasileira, lembrou dos São Cosme e São Damião sincretizados com os *erês*, espíritos de crianças. Estavam no congá, com espadas de São Jorge. Continua o sonho falando que aparece visitando o museu, onde a mãe trabalha e a casa para fora do padrasto. Um cachorro vem e lhe ataca. O padrasto fala que ela é bem-vinda e o cachorro cessa o ataque. Encontra outro cachorro, este

amistoso com ela, mas que suja o chão com fezes e urina. Não sabia qual era o significado desse sonho, mas achava que devia uma obrigação de oferendas para seu santo protetor.

Na unidade de internação tem uma monitora com a qual Madalena estava enojada, aqui chamada de Monique, mas que agora tinha conseguido desfazer a má impressão inicial. A monitora havia lhe chamado de pamonha e polenta, quando Madalena estava responsável pela limpeza do refeitório e do banheiro. Noutra oportunidade, a monitora lhe havia impedido de fiscalizar o banheiro, depois das 22h30min, e ao amanhecer foi encontrado uma garrafinha, o que resultou numa observação negativa. Nesta oportunidade ficou com vontade de se botar na monitora. Apesar de tudo, estava muito contente, pois havia chegado no comportamento excelente, agora era só mantê-lo.

Madalena me conta sobre como é sua rotina na unidade de internação: às 06: 00 levanta, toma café às 07:00. Trabalha na lavanderia. Almoça, depois tem aula na escola dentro da unidade, cursa o ensino médio regular. Faz crochê e bordado. Vai deitar-se. Às 22: 30 os quartos são chaveados. Demonstra empatia por todas as internas na unidade, sentindo um certo desagrado pelas regras. Sente muita vontade de ir para casas e da expectativa de ir para o regime aberto. Uma atividade que resultou num sentimento de pertencimento foi a de vôlei, que joga nas quintas. Participa da equipe de vôlei que em breve vai disputar uma competição interna na unidade.

A adolescente diz que está ali no atendimento porque foi lhe dado essa possibilidade e como gosta de falar, considerou que isso lhe auxiliaria na progressão da medida. Procurei significar o atendimento para um desejo seu que fosse além da medida socioeducativa. Na clínica não é recomendado que os pacientes em cumprimento de medidas em meio fechado circulem no interior do estabelecimento algemados. Falei com a monitora para não trazer a Madalena algemada no interior da clínica.

Numa sessão posterior, ela revela que cessou sua animosidade com a monitora Monique, chegando a ter um sonho com ela. Sonhou também com um antigo namorado, e escreveu uma carta para ele. Agiu de impulso, pedindo a sua mãe que entregasse a carta. Arrependida, quer ver se consegue reaver a correspondência. Considera essa questão de agir impulsivamente e depois arrepender-se como uma marca sua. Ela procura me exemplificar o que ocorre, propondo o seguinte raciocínio: se nos dois estivéssemos com vontade de sentar-se numa mesma cadeira, ela sentaria primeiro e depois poderia se levantar para eu sentar, mas aí já teria me magoado.

Nesse momento fala sobre sua maneira agressiva de resolver as coisas e das vezes que agrediu sua mãe. Falou que agrediu a mãe por causa da bebida; que sem a bebida não agrediria. Seu pai tinha problema com a bebida. Sua mãe lhe falou que é muito parecida com o pai, nesse aspecto, bebe e depois se arrepende do que faz. Madalena é convidada a usar o espaço do atendimento para demandas além da obrigação da internação. Madalena descobre quando ainda é criança seu gosto por meninas. Lembra que estava no colo de uma professora e sentiu desejo de beijá-la. Ao perceber o que estava sentindo, ficou com vontade de se botar na professora.

Falou que está inscrita no CIEE e de seu desejo de fazer técnico em enfermagem ou vender roupas. Pensa no que vai fazer depois de sair da internação. Tem levantado animada. Sente a vantagem em estar no cumprimento da medida, de aprender muito. Mostra uma escrita que havia feito quando começou o cumprimento da medida, de como os fatos que haviam culminado na morte do menino haviam mexido na sua vida e quando estava arrependida de tudo que havia feito (Anexo III). Comentou que ela e as internas haviam patrocinado um churrasco, que tinha sido assado pelos monitores. Disse que estava feliz em ter participado da confecção da maionese.

Nossa sessão transcorre normalmente. Sinto que Madalena ressignifica cada lembrança que recordamos do atendimento. Fico pensando se isso fará alguma diferença em sua decisão de fugir. Cada vez mais penso de que lugar devo contemplar seu desejo. Como policial civil, por anos exerci o papel de carcereiro, de manter alguém cerceado da liberdade, efetivamente. Sem possibilidade de fuga ou de dificultá-la o máximo possível. E agora estava ali, noutra papel, dando sustentação para uma adolescente seguir o seu desejo.

Continuo no recordar para apreender. Lembro que ela participou de uma competição de vôlei, onde sua equipe se consagrou campeã e teve como prêmio um jantar no Restaurante Savoia. Também recordamos sua participação numa mostra nacional de poesias, tendo um poema seu classificado. Não é a toa que em dado momento Madalena chega a pensar em pedir para ficar na unidade de internação, mesmo depois da extinção da medida, pois o ganho que tem ali é enorme.

Ela construiu ao longo dos 10 meses de internação o respeito e admiração da maioria dos monitores, tendo inclusive, por algumas vezes, suas observações negativas relevadas, para a manutenção do excelente comportamento. O corpo técnico da unidade torcia pelo progresso do regime de internação. Por que então o Juiz não quis pautar seu recurso? A tristeza e decepção de Madalena eram visíveis em seu olhar resignado. Por mais que as recordações de uma verdadeira luta vitoriosa de uma adolescente, sozinha, numa unidade de internação, lidando com culpa, arrependimento e reconhecimento pelo outro de suas excelentes intenções, não foram suficientes.

Olho à adolescente e espero sua resposta. Coloco-me com a maior neutralidade possível naquele momento. Ela me olha, compreende tudo que vivemos ali, e como se tudo aquilo só reforçasse sua decisão, levanta, sorri fraternamente, estende a mão. Eu estendo a minha, e na união delas, agradece-me por tudo. No seu olhar vejo uma pessoa senhora de si. Com a voz tranquila, firme e educada, diz-me que fugirá dali. Digo apenas, “*sim*”.

A partir daí, os fatos transcorrem na dimensão real, sem um simbolismo anterior. Tudo acontece num aqui e agora, sem *a priori*. Eu abro a porta e lá na antessala estão as colegas de internação de Madalena e duas monitoras, sendo que uma delas está fazendo crochê. Aquela imagem ficou em mim como um analisador. Nem todos estão convidados para a relevância dos fatos que estão a ocorrer tão perto de si, e que por isso, ficam muito distantes. Esses fatos só serão percebidos depois que forem simbolizados. Vejo elas irem em direção a escada. Primeiro somem de minha vista, depois acompanho apenas seus passos e suas vozes. Conforme se distanciam, mais e mais, fica apenas o murmúrio de suas conversas. Depois, o silêncio alarmante.

Entro na sala de atendimento, fecho a porta e sento-me. Foi uma sessão de atendimento daquelas. Estou vazio. Espero cinco minutos e então desço até a portaria principal da clínica. Ao sair do prédio, encontro as adolescentes e as monitoras. Uma adolescente me pergunta se já sei o que aconteceu. Digo que não. E ela me diz que Madalena fugiu. Como assim, pergunto. Outra adolescente diz que a monitora a havia chamado para pôr as algemas, mas Madalena a tinha olhado e dito: “**só que não**”. Depois, saiu correndo em direção ao portão e sumiu em meio as pessoas e automóveis.

Lembrei que ao entrar na sala Madalena havia me dito que perguntara às monitoras se elas iriam atrás de uma adolescente que fugisse, elas responderam que isso era para polícia. Então, não havia risco a terceiros na escapada, que seria, como foi, uma fuga sem perseguição. Uma das monitoras chegou a perguntar, com certa ironia, se eu não tinha percebido nada na sessão? Respondi que não. O sigilo profissional havia sido respeitado, como também o exercício da ética pautada *no sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo*.

Só fico sabendo a versão de Madalena daquele dia, três meses depois, quando sou autorizado a visitá-la na unidade de internação. Ela me fala dos acontecimentos daquele dia como um roteiro de filme. Após sair da sala de atendimento, ela desce a escada determinada. Ao sair da clínica, se posiciona a frente de todas as colegas internadas e das monitoras. A kombi ainda não tinha chegado, quando ouve o chamado da monitora, para almagá-la mais uma vez, prosseguindo a rotina, quase imutável.

O relógio do “*comportamento normal*” para e outra realidade, até aquele momento inédita para todos aqueles atores, começa a andar em velocidade desconcertante. Madalena diz que olhou para a monitora e responde “*só que não*” saindo correndo em direção à rua e à liberdade. Não era só um sprint numa corrida de velocidade. Significava correr mais rápido possível de tudo que a prendia, deixar tudo para trás, gozar à liberdade merecida, que lhe haviam negado. Ela construiu um lugar de respeito e de excelência. Tinha o direito aquela progressão negada. Era necessário passar ao ato: fazer por onde, ser **só que sim**.

Ela corre uma distância que parece muito mais do realmente foi, e para debaixo de um viaduto, onde fala com um homem em situação de rua. Ele lhe informa como chegar na rodoviária. Junto com outros transeuntes fazem uma vaquinha e lhe dão o dinheiro correspondente a uma passagem. Fuma um cigarro. Um prazer sonhado há tempo. Corre para a parada do ônibus e pega a condução. Descobre na roleta que o dinheiro é insuficiente. Surgem diversas pessoas querendo ajudá-la. O cobrador se antecipa e a deixa passar sem ter o valor integral da passagem.

Chega na rodoviária e fala com os taxistas que se aglomeram ao lado. Consegue um telefone emprestado e liga à mãe, informando que está na rodoviária. A mãe sabe que ela fugiu, mas se coloca à disposição da filha. A adolescente quer que a mãe traga o cartão dela, que está com a mãe, e venha para capital, à rodoviária. Enquanto aguarda a ligação da mãe, pensamentos povoam sua mente, como reproduz no seu último poema (Anexo XIII):

...

Lembrei da minha mãe quando apertou o coração. E vi que tinha falhado nessa missão. A caminhada era longa e eu falhei, agora tinha passado a minha vez. Muito louca pedindo esmola na rodoviária ‘pra’ quem me desse bola. E eu viajei, ‘pra’ coroa eu fale: - dá jeito na passagem que eu ‘tô’ aqui na espera ‘pra’ aqui na espera ‘pra’ viagem. ... Perdi a terapia, e a confiança e agora como eu ia refazer a aliança.

Imersa nesse turbilhão, acontece algo inusitado, que faz da realidade a melhor das ficções. O que a moveu até ali tinha sido a falta do reconhecimento de sua luta, de seu trabalho em se colocar no lugar de excelência, que lhe tinham dito que deveria chegar para gozar da progressão do regime. Quando não lhe dão esse reconhecimento, pela falta, parte para o ato e se realiza. Esse movimento, real e perturbador, traz consigo a satisfação da fuga e o desprazer das consequências que terá que assumir, das perdas que terá que sofrer. Já não tem mais a força para mover-se. Está parada esperando a mãe.

Nisso, surge do nada uma monitora da unidade internação, que se encontrava na rodoviária para comprar uma passagem para outra interna, e vê Madalena. Surpresa, pergunta a ela que faz ali sozinha. Madalena diz que fugiu e a monitora pergunta o que quer fazer, e ela responde - quero voltar. Os últimos versos do último poema expressam esse momento: “E eu voltei, fiquei nessa realidade que me faz bem de verdade e o resto eu não sei...”. Termina ela com a dicotomia que a define e atravessa na internação, a insatisfação da perda da liberdade e os ganhos das políticas públicas, que passou a ser sujeito nesse período.

Nos primeiros dias da volta à internação, age resignada diante das perdas de todas as benesses. Por conta de uma aproximação que faz com uma menina na unidade de internação, que havia se afastado, por ela ser indisciplinada, e poder interferir na sua busca do comportamento excelente, lhe rende uma reprovação por parte das monitoras que outrora lhe eram atenciosas. Perde o controle e “*pedala*” a porta. Enquanto chuta a porta, grita que agora todos teriam que lidar com a antiga Madalena. Faço um corte e saliento a ela que se ela ocuparia novamente o antigo lugar que tinha, era sinal que ela tinha construído um novo. Um lugar de atenção, de trabalho, de conquistas, e reconhecimento. E que ela poderia fazer esse deslocamento sempre que quisesse. Sorri e me conta que foi aprovada na avaliação de conclusão do ensino médio. Ela tinha produzido muitas coisas e sabia que podia continuar a viver com esse foco. As dificuldades virão, principalmente com a progressão do regime do cumprimento da medida socioeducativo, a volta cidade natal, os problemas com o alcoolismo, as brigas com a mãe e com os irmãos, a Maria da Penha imposta pela mãe da ex-companheira e outras tantas.

Mas isso era outra história...

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso falar nesse momento do quanto difícil foi ingressar, permanecer e está sendo sair da universidade. Após aposentar-me da Polícia Civil e resolver voltar a estudar, pensei muito num ocupar de tempo ocioso. Mas o aconteceu foi uma revolução.

A possibilidade de neste trabalho de conclusão poder escrever sobre minha história e através de narrativas de três pacientes, falar sobre como me impliquei e quanto essa implicação, combinado ao manejo com a resistência do analista foi construindo um local onde uma escuta psicoanaliticasocial foi se formando.

A Negritude atravessando todo esse processo, denuncia um racismo institucional sofrido na minha alma e na minha pele, bem como, nos adolescentes atendidos por mim, ao longo dessa jornada, de forma atemporal, porque ele não é de agora, ele é de sempre. Esse racismo força o sujeito a desistir de seu desejo, impedindo a construção de uma pessoa sadia, no pleno exercício de uma cidadania profícua e prazerosa.

A escrevivência atuou como um alfaiate, possibilitando a construção individual de um sujeito negro, feliz com sua história, desfrutando de uma potência geradora de um ser psicólogo. Um psicólogo comprometido com um fazer ético, no respeito dos desejos seus e alheios, colocando-se à disposição, proporcionando uma escuta forjada no amor à humanidade.

É lógico que não se esgotam aqui as investigações a respeito do quanto é possível produzir de conhecimento através desse método das escrevivências, mas desde já é notório sua potência. Não se pode abrir mão na produção de conhecimento na acadêmica do embasamento científico, mas apresentar novas abordagens também é fazer histórias.

4. REFERÊNCIAS

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.

ABMP - Associação Brasileira de Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos da Infância e da Juventude. 2008. SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO - São Paulo,

SOUZA, Jessé. Ralé brasileira: quem é e como vive/ Jessé Souza; colaboradores André Grillo ... (et at.) - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. revista do ppgav/eba/ufrj, 2016.

CAPANEMA, Carla Almeida; VORCARO, Angela. Modalidades do ato na particularidade da adolescência. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 151-163, jun. 2012

ROSA, Miriam Debieux. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Revista Textura*, 2002.

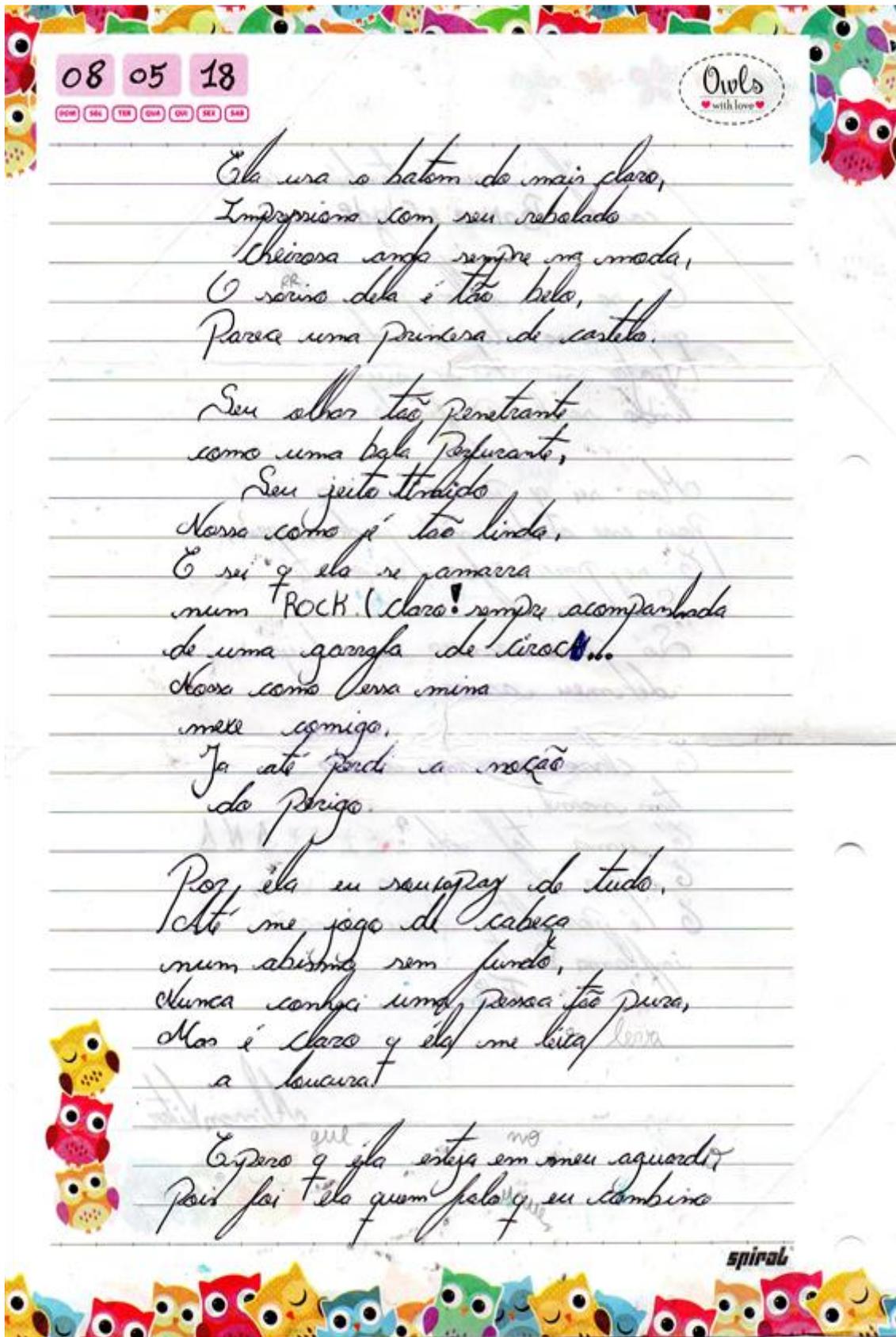
TOROSSIAN, Sandra et al. "Eu queria mudar": a psicanálise face à adolescência pobre e sem lugar. Rev. Subj., Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 57-69, dez. 2017.

BARROS, Maria Elizabeth Barros, PIMENTEL, Ellen Horato do Carmo. Políticas públicas e a construção do comum: interrogando práticas PSI. Polis e Psique, Vol. 2, n 2, 2012.

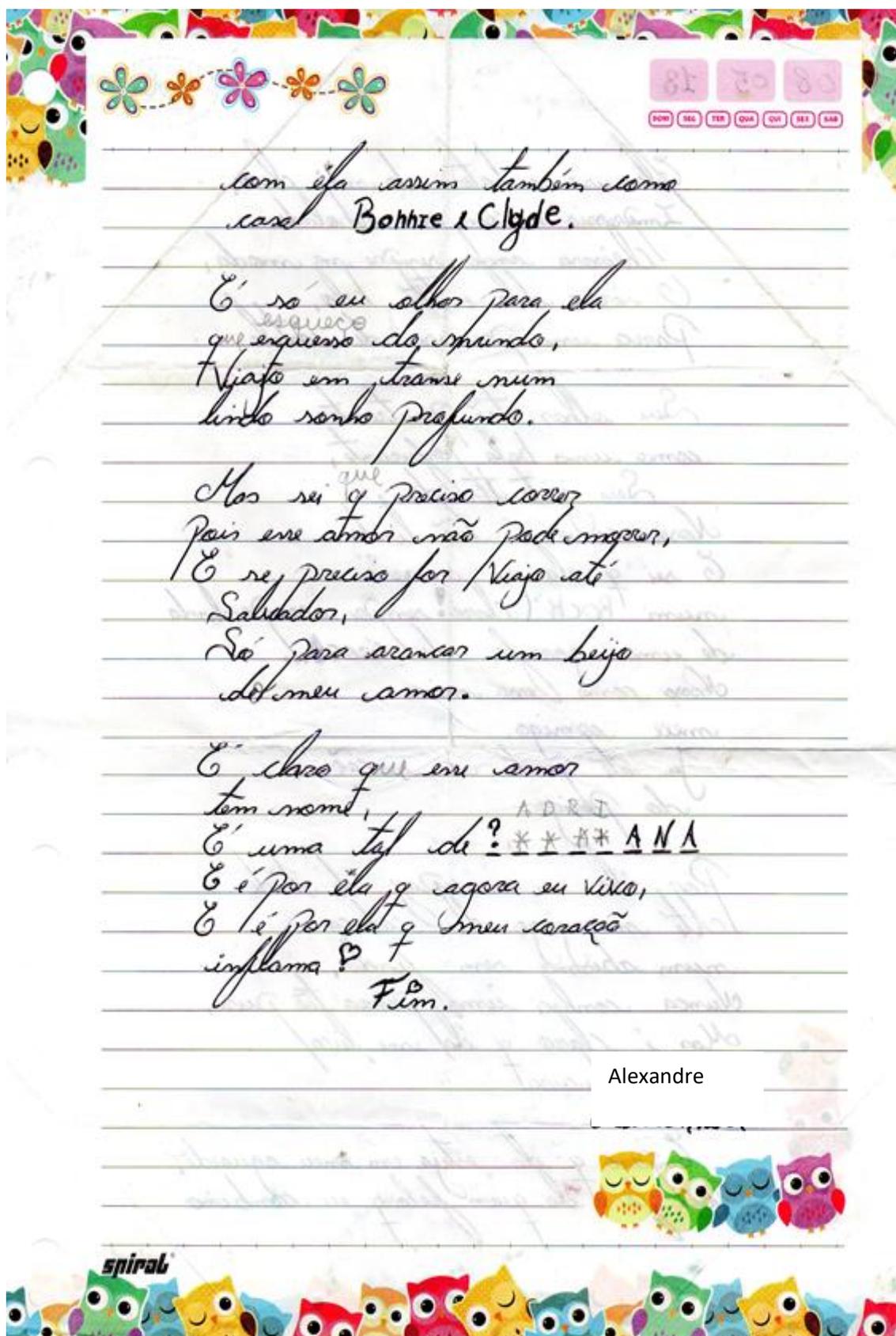
TRIUMOHO, Vera et alii. Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude. TRIUMPHO, Vera (org.) Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1991.

5. ANEXOS

5.1 ANEXO I



5.2 ANEXO II



5.3 ANEXO III

Mãe, minha mãe emocionalmente fria
eu tive educação
mas segui outra vida,
um cadáver no chão
uma mãe sem saída
ele com 16 anos, uma poça de sangue
e eu já arrependida,
me perguntando o que fiz da minha vida.
Pensando na minha mãe,
não vi outra saída:

eu confiei tudo,
arrependida, ao ser perseguida.
Mas agora já era tarde,
ele já tinha feito a passagem.
Foi um ato de crueldade!
121 por uma bobagem...
causada por uma discussão,
155,
um celular,
uma faca,
e um cadáver no chão...

Um caso sem solução...

Penso que ele encontrou o caminho da luz,
e eu não sofro no caminho da escuridão,

Só Deus sabe o tamanho da minha cruz.

Me arrependo muito e para todos peço perdão.

Me perdoa mãe, por tirar tua felicidade,

Temos tempo pra recuperar os momentos perdidos,
espero por isso de verdade.

Hoje estou presa e nada posso fazer,

Privada de minha liberdade,
nem minha cerveja eu posso beber,
meu cigarro não posso fumar

Meu amor não posso ter,

Saudade da minha afilhada,

minha bebê,

saudade também dos meus irmãos
pago cada minuto o meu delito.

Deus sabe me arrependo de coração.

Aqui dentro não paga orar,

Mas mãe é muito sofrimento.

Basta lutar...

parar de lamentar...

Aqui pra frente é só memória.

conquistar minha liberdade
sair daqui e ser feliz...

5.4 ANEXO IV

Te conhecendo o inferno,
e também o paraíso,
mas não to aqui porque quero:
cometi um delito pra isso

Inferno por não ter liberdade,
paraíso pelo apendizado.
É disso tudo há sim qualidade:
minha mãe tá do meu lado.

Quora mais serei a mesma
tá, em minha defesa
mesmo assim fui presa
e agora o que fazer?

Regime fechado,
difícil de aceitar.
Apeito: minha mãe tá do meu lado
mas o remorso não consigo controlar

Quanto tempo ficarei?
Só Deus sabe me dizer!
Mas de uma coisa eu sei:
o foco não vou perder!

O foco na minha liberdade
acompanhada da minha fé inabalável
Isso tudo é verdade
falo mesmo com pouca idade

29/ de março, mes que vem
completo maioridade
falo com desdem,
assumo mais responsabilidade

5.5 ANEXO V

Pesso que o tempo passe depressa

cumprir minha medida tranquilamente

é só isso que eu deço,

umém.

5.6 ANEXO VI

Vou falar aqui, agora,
'pra' todas mães presentes
que a visita de vocês
não só traz refru pra gente!

Traz felicidade, em busca
da liberdade.

Nós caímos aqui dentro,
pra para refletir,
da vida que nós tinha
que nos trouxe até aqui.

Eu sei que toda vez que
viru as costas 'pra' senhora foi tormento
e o arrependimento bateu forte
no meu peito.

U senhora não sabe mãe,
o quanto eu lamento:

- saber que sou a causa
desse teu sofrimento.

Mas pode esperar,
que tudo vai mudar.

U senhora com certeza vai valorizar.

Mãe eu te mudada

isso pode ter certeza

5.7 ANEXO VII

Vou te surpreender
será que ma' pra' você.
Eu te amo tanto!
do teu lado é meu lugar!
Tu é o amor da minha vida!
~~Sei que~~ Sempre contigo
vou estar!

5.8 ANEXO VIII

Hoje é apenas um dia normal
mas uma rotina.

Mãe, foi mal.

Por ter dado tanta birra.

bt da matina

e o cadeado se abriu

mais um dia se inicia

e os pensamentos a mil

Hoje eu não estou legal,

já estou cansada da medida

10 meses, nada normal

e estado da minha vida

Queria estar em casa

com a minha corea

mas sei que não estou

me comportando bem atoa

Sirá daqui a 3 meses

eu pego um abito

e assim poder estar

com a corea per perto

5.9 ANEXO IX

Hoje é domingo, dia de visita
de novo eu não vou ter
já me acostumei
na real pode crer

Várias lágrima esdrou
na sexta-feira
quando para cerca a Ave ligou
e ela atendeu e falou:

Uqui tá tudo calma!
As crianças estão bem,
minha filha lia uns salmos
que tudo fica zen:

Tudo vai mudar
liberdade vai cantar
Deus é mais
Umém

5.10 ANEXO X

DATA DA ENTREGA DO TEXTO: _____

Foi em Agosto que aconteceu
a nossa pior briga, em 2017
a gente se entorpeciu
e se perdeu

Eu vou agora falar de amor
de um acontecimento
que marcou
desde o primeiro momento

Pão tire da minha cabeça
aquela ana,
lembrando que nos conhecemos
desde pequenas

Depois de toda ladainha
eu achei que estava tudo certo
achei que de novo
tu estaria sempre por perto

Mas eu estava errada,
sua mãe conseguiu,
nos separou novamente,
e meu mundo caiu.

Com os nervos a flor da pele
você passou mal.

Eu e a tua mãe correndo,
te levamos pro hospital

Doá aonde tudo aconteceu
o pior estava por vir
você me denunciou
fato que não esperava de ti

5.11 ANEXO XI

Maria da Bomba,
Medida Protetiva,
a cerca dela fez esse esquema
e já não tinha mais saída

Da esquina avistei
o carro da polícia
chegando encontrei
indo embora a minha vida

Mas agora 1 ano se passou
e eu lembro até hoje
o dia que "nós se casou"
e durante esse tempo várias lágrimas rolou

Uma "pá de mans" me avisou
que isso não era certo
até a cerca me falou
~~que isso era concreto~~

Agora estou bem
em relação aos sentimentos
precurando ficar zen
e não lembrar dos maus momentos.

5.12 ANEXO XII

2012, já estava escrito
o pior aconteceu
coisa do destino
meu mundo se perdeu
quando 6h da mattina
a tia na porta bateu
me deu a notícia e a gente se enlouqueceu
a notícia era a seguinte:
- mataram um irmão seu.
Ele caminhava pela rua tranquilamente
era um cara trabalhador
era decente,
chorando de dor
eu conto essa história,
lêbado como sempre
porque não pensava na gente
seu salário tinha acabado de receber
estava voltando para casa
com saudade do seu bebê
157 já nada da pra fazer
Reulo seguido de morte. Sim. Pode crer
Ele foi em casa
e pegou uma faca,
querendo de volta seu dinheiro
e mais nada
Dó que como eu disse
estava muito lêbado
não tinha condições de nada.
foram várias facadas.
Uma vida interrompida
por uns caras sem noção
e pra você aqui, agora,
eu cito esse refrão.
A justiça de Deus não falha
e vocês não pagam
pelo crime que cometeram
pelas lágrimas que em nós fizeram rolar
Te temo na memória,
e no coração.
Faz parte da minha história
esse caso sem solução...
Lá se foi a vida do meu irmão.

5.13 ANEXO XIII

Foi num dia muito louco,
cabeça a milhã,
e eu fugi, tampouco,
lembrei dos meus irmãos.
Lembrei da minha mãe
quando apertou o coração.
É aí que tinha falhado
nessa missão.
A caminhada era longa e eu falhei,
agora tinha passado a minha vez.
Muito louca pedindo esmola
na rodoviária 'pra' quem me dava bola.
É eu viajei,
'pra' coisa eu falei:
- dá jeito na passagem
que eu tô aqui
na espera 'pra' viagem.
De novo pensei no meu bem,
de novo me entreguei,
mas não valeu a pena
minha mente tava pequena
e agora o que fazer
não sei nem o que dizer.

5.14 ANEXO XIV

Perdi a terapia,
e a confiança
e agora como eu ia
refazer a aliança.
E eu voltei,
feliz fiquei,
nessa realidade
que me faz bem de verdade
e o resto eu não sei...